

RODA DE CONVERSA MUSEUS E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL

Relato da Roda de Conversa virtual organizada e realizada pelo SISEM/SP, instância da Secretaria de Cultura e Economia Criativa de São Paulo, realizada do dia 5 de junho 2020 - Dia Mundial do Meio Ambiente

Coordenação de Davidson Panis Kaseker.

Convidados: Elisabeth Zolcsak, Manuel Cardoso Furtado Mendes, Maria Terezinha Resende Martins e Tamires Amâncio.

Participantes: 47

CONCENTRAÇÃO E CLAMOR¹

No ano de 1972 em Estocolmo, durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, foi instituída a data de cinco de junho como Dia Mundial do Meio Ambiente. Escolhida para coincidir com a realização dessa conferência, cujo principal objetivo naquele momento foi o de chamar a atenção de todas as esferas governamentais, empresariais e da população mundial para os problemas ambientais e para a importância da preservação dos recursos naturais, até então desdenhados por muitos segmentos ou considerados inesgotáveis. Conhecida como Conferência de Estocolmo, iniciou-se desde então uma mudança no modo de ver e tratar as questões ambientais ao redor do mundo, além de serem estabelecidos princípios para orientar a política ambiental em todo o planeta. O termo sustentabilidade surge da necessidade de discussão a respeito da forma como a sociedade vem explorando e usando os recursos naturais, pensando em alternativas de preservá-los para que não se esgotem na natureza. A definição de sustentabilidade está atrelada, assim, ao conceito de desenvolvimento sustentável, terminologias abordadas etiológicamente por Elisabeth Zolcsak durante sua apresentação.

O evento foi aberto pelo museólogo Davidson Panis Kaseker – Diretor do GTC SISEM-SP com menções ao contexto da reunião de Estocolmo e da Mesa Redonda de Santiago do Chile, marco referencial para a Nova Museologia e a Museologia Social, ambas realizadas no ano de 1972, seguida de uma breve exposição do tema a ser abordado durante os trabalhos. Fez a apresentação dos convidados e mencionou as regras de participação. Agradeceu a Equipe ACAM Portinari pela atuação no apoio a todas as fases do evento e registrou agradecimentos antecipados aos colaboradores que exerceram a relatoria crítica do evento. Sob sua regência e com contribuições teórico-conceituais e de larga vivência no campo museal, a Roda de Conversa se deu em ambiente virtual e participativo, pois é o meio possível e seguro de encontro entre pessoas nesse estágio da pandemia do Covid 19. O programa propiciou-nos uma justaposição de fazeres daquilo que poderíamos chamar aqui de micropolítica, ou seja, o relato das ressonâncias de duas experiências museais territorializadas e duas abordagens que poderíamos identificá-las no campo macro da política museal. Uma vez que a delimitação do que é geral e particular se faz a partir do Estado,

¹ Por Luiz Palma, psicólogo social e artista visual, técnico da UPPM com a colaboração de Luiz Mizukami, museólogo/SISEM-UPPM (autor de um texto especial sobre o acontecimento, disponível no *site* do SISEM) e Cláudia Ribeiro, diretora do Museu Major Novaes do município de Cruzeiro/SP.

espaço não neutro de expressão de contradições e conflitos, evidenciaram-se as contribuições para as políticas públicas de museus em todas as abordagens. Isso implica, por um lado, a desnaturalização das análises que inscrevem o campo social em uma dicotomia totalizante e excludente entre macropolítica e micropolítica, seja em uma perspectiva de escala - maior/menor ou, em uma perspectiva de sobredeterminação - do macro sobre o micro. De outro lado, convoca a uma mudança de lógica, fazendo-nos transitar em um plano de processualidades em que a variação é contínua e as relações são produzidas por conexões de fluxos intensivos e heterogêneos, ou seja, com base na assertiva de que “tudo é político, mas toda política é ao mesmo tempo macro e micropolítica”².

A relatoria foi pensada inicialmente como um texto crítico, embora não se trate de retomar cada fala ou a própria conversação a partir de um determinado modelo teórico. O que se pretendeu foi identificar conexões ou interferências, do ponto de vista da produção social e ambiental, compreendida *a priori* como questões imbricadas, que se repõem em todos os laços pelos quais a própria vida insiste.

Os registros seguem pela ordem de apresentação.

Relato de Tamires Amâncio³ sobre etapas e *status* do EcoMuseu de Itaipu/PR

Inaugurado em 16 de outubro de 1987, constituindo-se como o primeiro museu da América do Sul a alçar o território como patrimônio cultural, mais especificamente na região oeste do Paraná, o Ecomuseu de Itaipu pode ser considerado uma referência em preservação e inovação. Inicialmente, como museu de território, suas ações estendiam-se aos 16 municípios afetados pelo lago de Itaipu⁴. Em 2003, a Empresa Pública Itaipu Binacional consagra em sua missão as melhores práticas ambientais e amplia seus cuidados para 29 municípios. Em 2014, a Política de Sustentabilidade da Empresa é aprovada binacionalmente pelo Brasil e o Paraguai⁵. O desencadeamento de tais atos permite perceber que a constituição museal em território pode funcionar como meio extensivo de atores, projetos e programas, quando encontra-se diretamente relacionado às questões de políticas da existência ou das formas de engajamento nas políticas instituídas.

O amplo acervo do museu é resultado de estudos, pesquisas e inventários realizados antes, durante e após a construção da Usina Hidroelétrica. É parte constituinte do museu acervo de

² In: Guiles Deleuze; Felix Guattari, Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1996: p.90

³ Graduada em Museologia pela Universidade Federal de Ouro Preto (2014). Tem experiência na área com ênfase em Museologia Social. Atua como Museóloga do Ecomuseu de Itaipu no Programa de Valorização do Patrimônio Institucional e Regional e na Rede Regional de Cultura e Patrimônio da Bacia Hidrográfica do Paraná.

Para estabelecer o museu, foi contratada a arqueóloga e historiadora Fernanda Camargo-Moro (1933-2016), que propôs algo que ia ao encontro das necessidades da empresa, principalmente em relação à questão socioambiental: a “museologia social”. Em outras palavras, mais que apenas abrigar objetos, o Ecomuseu desenvolveria trabalhos com o objetivo de vincular “a região (território) com elementos representativos da natureza e do desenvolvimento cultural (patrimônio) e com a população local (comunidade)”. Ver outros dados na efeméride de 30 anos (2017) do Ecomuseu de Itaipu em <https://www.itaipu.gov.br/sala-de-imprensa/noticia/ecomuseu-completa-30-anos-de-integracao-entre-homem-historia-e-natureza>

⁵ <https://www.itaipu.gov.br/meioambiente/politica-ambiental>

vestígios arqueológicos pré-cerâmicos e cerâmicos, acervo botânico com muitas centenas de espécies, acervo zoológico característico da fauna da região, coleção etnográfica e geológica.

Contribuições para o campo museal:

- Incentiva a educação ambiental e o desenvolvimento de hábitos sustentáveis para os profissionais de museu e de moradores do entorno, como por exemplo, a reutilização de resíduos e recicláveis;
- Promove a formação de gestores culturais em articulação com os gestores municipais;
- Oferece cursos de formação para o autocuidado com o Patrimônio;
- Busca constantemente a participação da comunidade;
- Desenvolve parcerias com os coletivos locais.

Afirmação de valores universais para a sustentabilidade:

- Acolhimento e apoio às Políticas Públicas que incentivam a agricultura familiar e orgânica.
- Diálogo com empresários do agronegócio;
- Ações de formação de nutricionistas com vistas a privilegiar os produtos naturais da terra;
- Ações de sensibilização para coletores de material reciclável;
- Mobilização e sensibilização de populações no território para as questões amplas do meio ambiente e em especial de sustentabilidade ambiental.

Comunicação de Maria Terezinha Resende Martins⁶ sobre a história e as atividades do Ecomuseu da Amazônia, Belém do Pará.

O Ecomuseu da Amazônia teve como antecedente e ponto de partida a criação do Subsistema de Educação e Cultura para um Desenvolvimento Sustentável impulsionado pelo movimento de ceramistas de Icoaraci, distrito do município de Belém-PA na década de 90. Formalmente em 2007, vinculado à Secretaria Municipal de Educação de Belém, passa a atuar como ecomuseu com o desafio de integrar os diversos segmentos da sociedade, a partir da conscientização e valorização de sua história, de seu patrimônio natural e cultural. Em 2008, foi integrado ao Centro de Referência em Educação Ambiental – Fundação Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira, fundação vinculada à Prefeitura Municipal de Belém. Atua primordialmente em quatro eixos temáticos: Meio Ambiente, Cultura, Cidadania e Turismo, integrando as comunidades de Icoaraci (Cruzeiro e Vicentinos); Ilha de Caratateua (bairros São João do Outeiro, Fama, Tucumaeira, Curuperé e Nova República); Ilha de Cotijuba (comunidades do Poção e Faveira); e Ilha de Mosqueiro (comunidades do Caruaru, Castanhal do Mari-Mari e Assentamentos Paulo Fonteles e Mari Mari). As ações desenvolvidas pelo Ecomuseu da Amazônia objetivam o fomento de atividades regionais com uma metodologia que considera o patrimônio das comunidades como uma matéria prima intrínseca. De modo a instigar ainda mais o leitor sobre essa singular experiência, a relatoria aproximou a síntese

⁶ Doutora em Gestão Integrada de Recursos Naturais; Mestra em Planejamento e Gestão Ambiental, (UCB-Brasília-DF). Graduada em Pedagogia com Habilitação em Administração Escolar e Orientação Educacional (UFPA). Graduada em Letras (UFPA). Coordenadora e uma das fundadoras do Ecomuseu da Amazônia.

apresentada por Terezinha Rezende Martins durante a Roda de Conversa com um artigo de sua autoria publicado em Cadernos do CEON/UNOCHAPECÓ, n.41, 2014⁷.

Contribuições para o campo museal:

- Mantém forte relação de reciprocidade com a comunidade local e o pensar/agir coletivamente;
- Alinha-se com a promoção do desenvolvimento local e geração de renda, por meio de capacitação da comunidade, promovendo a valorização da cultura local;
- Reconhece e valoriza o potencial da cultura comunitária e o saber de ofícios;
- Articula-se e promove ações de forma interinstitucional.

Afirmação de valores universais para a sustentabilidade:

- Comprometimento e formação em torno de valores socioculturais integrados às questões ambientais na Amazônia;
- Valorização da história e da formação etnográfica da região amazônica;
- Referência para pesquisadores nacionais e internacionais sobre museologia social, patrimônio natural e cultural implicado com questões ambientais e sustentáveis.

A experimentação é a estratégia principal da micropolítica, pois implica a problematização e o mapeamento destas linhas em suas composições no *socius*. O pensar só se dá como condição nestas experimentações; tal condição não é maior que o condicionado, mas coincide com ele e o desloca sempre na direção de um pensamento por vir.

Exposição de Elisabeth Zolcsak⁸ sobre Museus e Sustentabilidade Ambiental

Sua fala iniciou-se com um brado à defesa intransigente e relevante do meio ambiente, que há muito tempo sofre com a exploração mercantil extrativista e as ações irracionais das sociedades humanas. Chamou-nos também atenção sobre a importância de compreensão dos termos “sustentabilidade”: um substantivo abstrato que indica a qualidade de alguma coisa ser sustentável logo, o “sustentável” é o adjetivo, ou seja, o termo que designa o sustento daquilo que se quer proteger, abrigar ou alimentar.

Compreensível e necessária para a Roda de Conversa a distinção dos termos, pois as palavras vão se tornando genéricas com as inúmeras associações como “moda e sustentabilidade”; “faça sua empresa mais sustentável”; “prédios sustentáveis” e assim por diante. Mas e quanto à prática? Será que temos nos mobilizado para ensinar práticas educativas que garantam a preservação dos recursos naturais do planeta?

Quanto à atuação dos museus, Elisabeth Zolcsak reconhece ajustes em curso e situações consolidadas que se pautam pela necessidade de adotar uma gestão economicamente sustentável e ainda às possibilidades de aprimoramento de técnicas e de seleção de materiais expográficos não

⁷ <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2610>

⁸ Tem graduação em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo, pós-graduação em Museologia (FESPSP), mestrado em Ciência Ambiental (USP) e doutorado em Ciências – Geografia Humana (USP). Exerce atividades de divulgação científica e cultural, comunicação museológica, educação e comunicação ambiental.

poluentes ou recicláveis. Nesse ponto, a relatoria faz uma passagem para o texto da autora, disponível no *site* do SISEM: “Os impactos de museus indicam ações operacionais de mitigação, muitas delas cotidianas, transversais aos vários programas museológicos, e que, por isso mesmo, têm melhor execução e solidez quando definidas em planos, com objetivos, medições e relatos, parecidos com o sistema subsidiado pela norma ISO 14001 para auxiliar a proteção do ambiente por empresas”. O engajamento dos museus, guardadas suas especificidades, podem e devem alinhar-se com alguns dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030⁹, reafirmando o comprometimento maior com os valores da sustentabilidade ambiental, em sintonia com o presente e a responsabilidade com as condições do planeta para as gerações futuras.

Contribuições para o campo museal:

- Assumir a defesa institucional do meio ambiente, na promoção de diminuição dos impactos locais/bairro/cidade, num equilíbrio entre o que entra e sai do museu;
- Reduzir o consumo na rotina museal (água, energia, papel e plástico);
- Aplicar a noção de reuso e reciclagem em todas as atividades planejadas e realizadas;
- Convidar a comunidade para atividades sustentáveis;
- Estabelecer metas e relatórios para a diminuição do consumo;
- Impor critérios ambientais aos fornecedores.

Afirmação de valores universais para a sustentabilidade:

- Atuação de todos para a recuperação de áreas degradadas e na preservação de reservas ambientais;
- Favorecimento do controle ambiental em áreas construídas;
- Envolvimento com a proteção de áreas naturais e com a restauração de áreas degradadas.

Exposição de Manuel Cardoso Furtado Mendes¹⁰ sobre Sustentabilidade em Museus

É no campo da Museologia Social e da Sociomuseologia que o autor identifica em seus estudos teóricos e nas pesquisas que realiza ou orienta a integração do ser humano no meio ambiente, compreendendo-o como patrimônio a ser preservado. Com esta abordagem museológica, a preservação e a sustentabilidade ambiental são responsabilidades que podem ser atribuídas aos museus independentemente de se tratar de museus que lidam com coleções materiais ou imateriais, ou com vínculos sociais e comunitários. O professor Manuel Cardoso Furtado Mendes também fez referências às dificuldades na definição do conceito de “sustentabilidade”, por este ser aplicado em diferentes áreas o que gera por vezes uma falta de clareza tanto na definição como no objeto a ser sustentado: “outros apontam uma certa dificuldade na aplicabilidade do conceito que funciona em termos teóricos mas não

⁹No texto acima citado e disponível no *site* do SISEM, a expositora elenca oito dos 17 objetivos aos quais cabe o alinhamento.

¹⁰ PhD em Museologia (ULHT), é professor na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Atua nas áreas de Engenharia e Tecnologia com ênfase em Engenharia Civil e Ciências Sociais com ênfase em Outras Ciências Sociais. Dentre outros temas nas áreas científica, tecnológica e artístico-cultural, dedica-se à pesquisa em Sustentabilidade Ambiental e Sociomuseologia.

em termos práticos; outros ainda criticam a superficialidade dos usos e de interpretação do conceito, associado a uma *moda*¹¹. Sua exposição nos deu uma alvissareira proposta de Indicadores de Medida da Sustentabilidade em Museus que, com mais detalhes, encontra-se no texto disponível no *site*¹² do SISEM. Para tanto o autor trabalhou com as quatro dimensões do quadro conceptual do Ibermuseus: Ambiental, Cultural, Econômica e Social. Na parte final da exposição foram feitas recomendações para o uso de energias renováveis nos edifícios de museu e de centro culturais: energia eólica, a energia solar fotovoltaica, energia solar térmica e energia geotérmica de superfície (ver com mais detalhes o texto autoral).

Contribuições para o campo museal:

- Avaliar-se para a reformulação do seu consumo (água, energia e material reciclado);
- Buscar fontes de energias alternativas;
- Metrificar as economias realizadas e divulgar as boas práticas ambientais;
- Ser ou tornar-se um Museu com interlocução ambiental;
- Estabelecer parcerias como forma de integração museus/comunidade;
- Ser ou tornar-se um museu exemplar de boas práticas e não apenas o fazer do marketing.

Afirmação de valores universais para a sustentabilidade:

- Ações proativas para contribuir com a sustentabilidade global com especial atenção ao contexto histórico;
- Sustentar ações por princípios éticos que não se confundem com o marketing;
- Instituir a necessidade do registro e da produção documental para a problematização da sustentabilidade.

O que se procurou esboçar nessa síntese como uma relatoria da Roda de Conversa, e que poderá seguir como proposta a ser desdobrada participativamente na formulação da Política Setorial de Gestão de Museus e Sustentabilidade sob responsabilidade da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do estado de São Paulo¹³, é que o real comporta a possibilidade concreta de acolhimento e construção de um regime de interferências, ou seja, um interferir que, dando "sinal de vida", funcione para que a disparidade dos problemas se evidencie e que os encaminhamentos de superação possam ser postos em curso. Essa abordagem contrasta, obviamente, com proposições fechadas de um programa de planejamento normativo que se pretende convergente e restritivo para a produção de políticas de subjetivação e que, acabam decretando ou revigorando a "claustrofobia política dominante"¹⁴ e comprometendo

¹¹ Conforme texto do autor disponível no *site* do SISEM.

¹² <https://www.sisemsp.org.br/sustentabilidade-em-museus-ambiental-cultural-economico-e-social/>

¹³ <https://www.sisemsp.org.br/politica-setorial-de-gestao-de-museus-e-sustentabilidade/>

¹⁴ Peter Pál Pelbart, *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras: 2000.

de antemão nossa mobilidade. O veio despotencializador de tais processos compromete os combates afirmativos e criativos de metamorfoses nos modos de viver, sentir, coexistir e pensar.